



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS - GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LETRAS - INGLÊS**

PAULA MARIANA GUEDES CAMPOS

REPRESENTAÇÕES DO SEBASTIANISMO NO TAMBOR DE MINA

**AMAPÁ
2017**



PAULA MARIANA GUEDES CAMPOS

REPRESENTAÇÕES DO SEBASTIANISMO NO TAMBOR DE MINA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Letras/Inglês do Departamento de Letras e Artes da Universidade Federal do Amapá (DEPLA/UNIFAP), como requisito parcial à obtenção do título Licenciado em Letras com Habilitação em Língua Inglesa.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Lachat.
Co – Orientador: Prof. Dr. Marcus Vinicius de Freitas Reis.

AMAPÁ
2017

REPRESENTAÇÕES DO SEBASTIANISMO NO TAMBOR DE MINA

Paula Mariana Guedes Campos - UNIFAP¹

Marcelo Lachat - UNIFAP²

Marcus Vinicius de Freitas Reis - UNIFAP³

RESUMO

Este trabalho discute as representações do sebastianismo no Tambor de Mina. Assim, para uma melhor compreensão das origens do sebastianismo em Portugal, utilizam-se, como principais bases teóricas, as obras *O Sebastianismo – História Sumária* (1987), de José van Den Besselaar, e *Império dos sonhos: narrativas proféticas, sebastianismo e messianismo brigantino* (2010), de Luís Filipe Silvério Lima. Além disso, para a discussão acerca do sebastianismo na encantaria, empregam-se os conceitos de encantaria, especialmente no Tambor de Mina, propostos por Mundicarmo Ferretti (2008) e por Sergio Ferretti (2013). Espera-se, com essa pesquisa, ampliar o conhecimento do sebastianismo no Tambor de Mina por meio de novas visões, refletindo-se sobre a correlação de diversas vertentes históricas, literárias e religiosas nas letras portuguesas e brasileiras. Este trabalho pretende contribuir para a aproximação dos estudos literários aos estudos religiosos. A pesquisa procura, enfim, apontar as relações do sebastianismo com o Tambor de Mina no Brasil.

Palavras-chave: Sebastianismo. Encantaria. Tambor de Mina.

¹Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras – Português – Inglês da Universidade Federal do Amapá, paulaguedes87@gmail.com;

² Orientador: Professor do Curso de Letras da Universidade Federal do Amapá.

³ Co- Orientador: Professor do Curso de Relações Internacionais da Universidade Federal do Amapá.

ABSTRACT

This work discusses the representations of the Sebastianism in the Mina's Drum in Brazil. Thus, in order to better understand the origins of the Sebastianism in Portugal, the main theoretical bases used are the works "O Sebastianismo – História Sumária (1987), by José Van Den Besselaar, and Império dos sonhos: narrativas proféticas, sebastianismo e messianismo brigantino (2010), by Luís Filipe Silvério Lima. In addition, for the discussion regarding the Sebastianism in the enchantment, the concepts of enchantment are utilized, especially in the Mina's Drum, proposed by Mundicarmo Ferretti (2008) and by Sergio Ferretti (2013). It is therefore expected, with this research, to enlarge the knowledge about the Sebastianism in Mina's Drum by means of new visions, reflecting upon the correlation of several historical, literary and religious aspects towards the Portuguese-Brazilian literature. This work aims at contributing for the approximation of the literary studies to the religious studies. At last, this research seeks to point out the relations of the Sebastianism with the Mina's Drum.

Keywords: Sebastianism. Enchantment. Mina's Drum.

INTRODUÇÃO

Este artigo objetiva discutir as representações do sebastianismo, mais especificamente, a questão da encantaria no Tambor de Mina no Brasil. Tendo em vista a necessidade de compreender a ideia de representação acerca do sebastianismo, utiliza-se, neste trabalho, a obra *O Mundo como Representação* (1991), de Roger Chartier. Chartier (1991) caracteriza as representações como construções que diferentes lugares e tempo fazem sobre suas práticas sociais, referindo que essas construções assumem novos sentidos a partir de novas interpretações.

Além disso, Chartier (1991) questiona a noção de história como tradução da realidade, pois alega que texto algum abrange a realidade totalmente; apesar de conter traços da realidade, cada leitor interpreta a obra de forma diferente, reformulando uma outra abordagem da história com distintas práticas, possibilitando diversas definições. Será, portanto, esse o conceito de representação utilizado neste artigo.

Para uma melhor compreensão das origens do sebastianismo em Portugal, são utilizadas como principais bases teóricas as obras *O Sebastianismo-História Sumária* (1987) e *Antônio Vieira: profecia e polêmica* (2002) ambas de José Van Den Besselaar, visando embasar as concepções do sebastianismo profético-político em Portugal. As manifestações em torno do sebastianismo estavam fundamentadas em profecias advindas de sonhos proféticos que reforçavam suas esperanças em um rei que retornaria para reerguer o império de Portugal.

Dialogando com essa proposta de estudo, utiliza-se também o livro *Império dos sonhos: narrativas proféticas, sebastianismo e messianismo brigantino* (2010) do autor Luís Filipe Silvério Lima. Além disso, é de extrema importância a obra *Portugal, Sebastianismo e Quinto Império* (1986), de Fernando Pessoa como fonte de embasamento do sebastianismo português.

A conceituação do Tambor de Mina neste artigo embasa-se nas obras *Tambor de Mina e Umbanda: o Culto aos Caboclos no Maranhão* (1997), *Maranhão Encantado: encantaria maranhense e outras histórias* (2000) e *Encantados e Encantarias no Folclore Brasileiro* (2008) da antropóloga Mundicarmo Ferretti.

Ademais, este trabalho baseia-se ainda nas obras *Encantaria Maranhense de Dom Sebastião* (2013) de Sergio Ferretti, *Dom Sebastião no Brasil: das Oralidades à*

Mídia (2007) de Marcio Honorio de Godoy e *As Ilhas da Encantaria: O Rei Sebastião na Poesia Oral Nutrindo Imaginários* (2010) de Claudicélio Rodrigues da Silva, para discutir a encantaria e a introdução do sebastianismo no Tambor de Mina no Brasil.

A escolha do tema foi motivada por ordem acadêmica, após uma discussão em sala de aula na disciplina de Literatura Portuguesa Clássica sobre o poema épico *Os Lusíadas* (1572) de Luís Vaz de Camões, no qual se descrevem os principais episódios da história de Portugal. Nesta aula, surgiu um breve comentário a respeito da dedicatória que Camões fez para o jovem rei D. Sebastião de Portugal, suscitando, assim, o interesse de pesquisar a narrativa do rei D. Sebastião segundo diferentes representações.

A importância desta pesquisa gira em torno da ampliação do conhecimento sobre a representação da encantaria do sebastianismo agregada à visão mística dentro das letras portuguesas e brasileiras e das religiões afro-brasileiras, particularmente o Tambor de Mina. Espera-se, com essa pesquisa, a ampliação do conhecimento do sebastianismo por meio de novas visões, refletindo-se sobre a correlação de diversas vertentes históricas, literárias e religiosas nas letras portuguesas e brasileiras. Este trabalho pretende contribuir para a aproximação dos estudos literários aos estudos religiosos, tratando-se de ambos como formas válidas de conhecimento acadêmico.

Desse modo, com este estudo, almeja-se tornar possível a compreensão da referida temática. A pesquisa procura, enfim, apontar as relações do sebastianismo português com o Tambor de Mina no Brasil.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 O SEBASTIANISMO NAS LETRAS PORTUGUESAS E BRASILEIRAS

O sebastianismo surgiu ao final do século XVI, tendo como foco principal a crença do retorno do rei Sebastião, que desapareceu na batalha de Alcácer-Quibir, em 1578 e que, profeticamente, retornaria para reerguer o império português. Acreditava-se que ele poderia, com seu retorno, reerguer Portugal como a grande potência europeia e com a utopia que colocaria o país como uma superpotência mundial. Conforme Joaquim Romero Magalhães (1997), D. Sebastião nasceu em 20 de janeiro de 1554, em Paço da Ribeira, Lisboa, Portugal, filho de João Manuel, príncipe de Portugal e de Joana da Áustria.

Por consequência da morte de seu pai, antes mesmo de nascer, em 2 de janeiro de 1554, D. Sebastião seria o único herdeiro que poderia dar continuidade à Dinastia de Avis, e foi por esse motivo que ficou conhecido como “O Desejado”. Com a morte de seu avô, D. João III, em 11 de junho de 1557, D. Sebastião foi proclamado rei com apenas 3 anos. Em 1568, aos 14 anos, foi considerado maior de idade legalmente para assumir o reino de Portugal.

Devido à precoce morte de seu pai, o rei foi criado entre padres e cavaleiros e, durante sua menoridade, Portugal era comandada por regências. A primeira regente foi sua avó, Catarina da Áustria, viúva de D. João III, e depois pelo seu tio-avô, o cardeal D. Henrique de Évora. D. Sebastião, com o intuito de procurar novas formas de conduzir as despesas da coroa e também aumentar o domínio português em Marrocos alia-se à Mulei Muhammad Al-Mutawakkil para recuperar o trono de Marrocos, travando-se assim uma batalha contra o soberano Mulei Abd al-Malik. Em 4 de agosto de 1578, em Alcácer-Quibir, cruzou-se a batalha em que D. Sebastião e milhares de homens em um comando desordenado morreram na jornada na África. Com isso, todo o seu reino sofreu economicamente, politicamente e moralmente, de modo a fazer com que perdessem a independência, que culminou com a dominação da Espanha por 60 anos.

Na visão de Luís Filipe Silvério Lima (2010), desde quando se acreditou que D. Sebastião poderia estar vivo, porém escondido, teria ocorrido o sebastianismo, por fé ou por razões de conveniências políticas. O autor constatou que, na época em

que Portugal sofria com as manifestações em torno do sebastianismo, as crenças profético-políticas estavam baseadas em sonhos. Os sebastianistas acreditavam em profecias advindas de sonhos que reforçavam suas esperanças em um rei que não retornara da batalha, mas com fé em presságios de que D. Sebastião iria ressurgir para libertá-los.

Silvério Lima (2010) acredita que o sebastianismo almejava o retorno do rei, mas também uma reorganização de um império que vinha sofrendo e perdendo poder, pensando em um possível regresso após uma crise política, e os portugueses pudessem retornar e ser também o centro do poder universal. O sonho dos movimentos proféticos portugueses utilizados nas doutrinas de manifestações messiânico-milenaristas foi a tônica para as idealizações políticas.

Segundo Fernando Pessoa (1986), Bandarra foi o primeiro português que teve a visão profética dos destinos do país por meio de suas profecias influenciando outros portugueses pela sua visão e seu estilo literário. No dizer de Pessoa, (1986, p. 110):

Quando António Vieira quis basear em qualquer coisa a sua fé natural nos destinos superiores da Pátria, que coisa foi a que encontrou? As profecias desse sapateiro de Trancoso. Amou-as e as comentou o maior artista da nossa terra, o Grão-Mestre, que foi, da Ordem Templária de Portugal.

Haja vista a importância que o escritor Fernando Pessoa dá às profecias de Gonçalo Anes Bandarra, é nítida a designação de que Bandarra teria sido um dos primeiros a falar sobre o possível retorno do rei, e que o padre António Vieira sofreu fortes influências das trovas proféticas do sapateiro.

2.1.1 Dom Sebastião: o rei encantado

Fernando Pessoa ao regressar a Portugal em 1905, depara-se com uma desordem nacional e com a queda da Monarquia, no início do séc. XX, começa a refletir sobre como no passado o império português era uma grande potência e, que naquele momento, não passava de uma nação decadente onde o poder é assumido por um regime ditatorial. Pessoa acreditava que o sebastianismo renasceria convicto de que ele teria o grande papel universalista que decidiria a glória de Portugal.

Conforme Gagliardi et al. (2007) Fernando Pessoa, em seu livro *Mensagem* (2007), refere o retorno de um rei encoberto, rei D. Sebastião, que de uma maneira profética, reergueria o império português. Para Gagliardi et al. (2007), Fernando Pessoa não tinha a intenção de contar os atos heroicos de Portugal para que pudessem extrair alguma grandeza moral, mas sim de evidenciar fatos simbólicos, místicos e provavelmente provindos de uma ação divina, ou seja, apresentar que possivelmente Portugal teria requisitos para ser a grande potência mundial.

Fernando Pessoa, em seu poema *As Ilhas Afortunadas*, do livro *Mensagem* (1934), narra a morada do rei Sebastião em terras afortunadas, terras essas que não têm lugar, como se ele estivesse encantado e que ali se encontrava a esperança de Portugal.

Acrescenta-se ainda que, como descrito por Besselaar (2002), dentro da cultura ocidental, há relatos de diversas ilhas extraordinárias⁴ em que provavelmente os lusitanos as relacionaram com o possível lugar onde D. Sebastião poderia estar encoberto logo após o seu desaparecimento.

Além disso, segundo António Quadros (1986), Pessoa acreditava que o sebastianismo era um fenômeno nacional, por sua popularidade, por não se saber ao certo, como se originou e muito menos de onde surgiu, além de ser místico por estar ligado ao desaparecimento de D. Sebastião. Fernando Pessoa (1986, p. 151), para conceituar o sebastianismo, utiliza-se da seguinte argumentação:

O sebastianismo, fundamentalmente, o que é? É um movimento religioso, feito em volta duma figura nacional, no sentido dum mito. [...] no sentido

⁴ Muitos sebastianistas acreditavam que o Rei Desejado se detinha na “Ilha Encoberta”, situada em parte remota e pouco definível do oceano. Os navegantes de alguns navios derrotados pretendiam tê-la avistado. Era uma ilha maravilhosa: entremostrava-se durante curto prazo aos marinheiros, para depois sumir no nevoeiro, tornando impossível sua redescoberta. (AZEVEDO, 1947, p. 96-98)

simbólico, D. Sebastião é Portugal: Portugal que perdeu a sua grandeza com D. Sebastião, e que só voltará a tê-la com o regresso dele, regresso simbólico – como, por um mistério espantoso e divino, a própria vida dele fora simbólica – mas em que não é absurdo confiar. [...] D. Sebastião voltará, diz a lenda, por uma manhã de névoa, no seu cavalo branco, vindo da ilha longínqua onde esteve esperando a hora da volta.

Para Fernando Pessoa, o movimento sebastianista era um movimento religioso puramente português, por ter, originalmente, surgido do contexto nacional lusitano, diferente de outras religiões que chegaram a Portugal e que estavam ligadas a outros países.

2.2 TAMBOR DE MINA E A ENCANTARIA

Segundo Ferretti (1997, 2000) o Tambor de Mina, religião afro-brasileira, passou a existir no século XIX, na capital do Maranhão, em São Luís, com a casa das Minas-Jeje e a Casa de Nagô, ambas abertas por africanas espalhando-se pelo Pará, Amazonas e outros estados do norte do Brasil. De acordo com Ferretti (2008, p. 02) “O termo tambor de mina deriva de denominação dada no Brasil a escravos sudaneses de diversas etnias, embarcados no forte português de São Jorge Del Mina, na Costa do Ouro, atual Gana”.

Desenvolvendo o que foi publicado por Ferretti (1997,2000), acerca da conceituação do Tambor de Mina, no Maranhão, Reginaldo Prandi (2005, p. 03) descreve como se originou o termo Tambor de Mina: “A religião dos voduns recebeu o nome de tambor-de-mina, alusão à presença constante dos tambores nos rituais e aos escravos das minas, como eram ali designados os negros sudaneses.”

De acordo com Ferretti (1997, 2000), no Tambor de Mina são cultuados e recebidos em transe mediúnicos, voduns⁵ e orixás (entidades africanas), gentis⁶ e caboclos (entidades surgidas nos terreiros brasileiros) e é formado a partir de tradições culturais africanas (jeje, nagô, cambinda, fanti-ashanti). Segundo os estudos de Ferretti (2000, p. 73, 78, 79 e 81):

⁵ O termo vodum é usado para designar as entidades da encantaria africana (jeje, como Dossu, nagô, como Xangô, cambinda, como Vandereji) e, às vezes, de forma genérica, para designar as entidades mais antigas e prestigiadas recebidas no Tambor de Mina. (FERRETTI, 1997, p. 06)

⁶ O termo gentil designa encantados da nobreza européia, geralmente cristã, associados a orixás e, às vezes também, a santos católicos. Esses encantados são também classificados como nagô-gentil ou como vodum-cambinda. Entre eles merecem destaque: Rei Sebastião, associado a Xapanã e a São Sebastião; Rainha Dina, associada a Iansã; Rainha Rosa, associada a Santa Rosa de Lima e a Oxum; Dom Luiz, Rei de França, associado a Xangô e a São Luís (Luiz IX). (FERRETTI, 1997, p. 06)

No Tambor de Mina as entidades espirituais recebidas pelos filhos-de-santo são classificadas de várias formas, entre elas: por categoria, por família, por linha ou 'nação', por posição na cabeça do médium em quem incorporam e por posição no terreiro. [...] No Tambor de Mina, as entidades espirituais de todas as categorias são organizadas em famílias extensas, tanto por pais-de-santo quanto pelos membros menos graduados dos terreiros. [...] No Tambor de Mina as entidades espirituais são também agrupadas por (jeje, nagô, cambinda, fanti-ashanti e outras) ou por 'linhas' associadas a domínios da natureza (água salgada, mata, água doce, astral), ou por região (povo da Bahia, do Pará, do Ceará, de Codó, e outras). [...] A linha de água salgada é considerada a mais antiga e a verdadeira linha de Mina. A ela pertencem todas as entidades caboclas que, como os voduns e os gentis, vieram de terras distantes e civilizadas, pelo mar, e que têm origem nobre (como os turcos).

Mundicarmo Ferretti (2000, 2008) ainda relata que diversos encantados recebidos no Maranhão, em terreiros de religião afro-brasileira são seres reais, que podem entrar em contato com os humanos.

Vale ressaltar que os encantados pertenciam ao nosso mundo, mas sumiram misteriosamente, desligaram-se da matéria (corpo) e agora são entidades que habitam em encantarias e que estão em alguma dimensão, na qual seres humanos possivelmente não podem habitar, como se existisse um lugar situado entre o céu e a terra, como se fosse um mundo encantado em uma outra dimensão.

Ferretti (2000, p. 97) apresenta o seguinte esclarecimento:

No Maranhão o termo encantado é usado nos terreiros de mina, tanto nos fundados por africanos quanto nos mais novos e sincréticos, e nos salões de curadores ou pajés. Refere-se a uma categoria de seres espirituais recebidos em transe mediúnico, que não podem ser observados diretamente ou que se acredita poderem ser vistos, ouvidos ou sentidos em sonho, ou em vigília por pessoas dotadas de vidência, mediunidade ou de percepção extrasensorial, como alguns preferem denominar. São voduns, gentis (nobres) caboclos e índios que moram em encantarias africanas ou brasileiras e que incorporam em filhos-de-santo.

De acordo com Ferretti (2000), no Tambor de Mina, apenas espíritos de encantados são incorporados nos terreiros, há diferença entre espíritos desencarnados e espíritos encantados. Ferretti (2000, p.103 e 110) explana da seguinte maneira:

Os encantados da Mina, geralmente, viveram na terra há muitos anos, e também há muito tempo, desligaram-se da matéria e passaram a viver em outro mundo: a encantaria. Segundo 'mineiros' por nós entrevistados, os encantados, apesar de não terem matéria e de precisarem do corpo dos médiuns ('cavalos') para permanecerem entre nós, não são mortos (como

as pessoas falecidas que baixam em sessões kardecistas). Por essa razão, fala-se deles no presente e não no passado (como se fala dos mortos). [...] Na concepção dos 'mineiros' maranhenses, encantado não é santo (como os que estão nos altares) nem pecador e não vive nem no céu e nem na terra. É gente que desapareceu viva da Terra (do mundo de pecador) ou que, apesar de ter sido dada como morta, continua ali, incorporada em seus 'cavalos'.

Além disso, Mundicarmo Ferretti (2000) menciona que há encantarias invisíveis e também há encantarias parcialmente visíveis, e em São Luís, no Maranhão, podem ser encontradas algumas encantarias, como as praias dos Lençóis⁷, a ilha dos caranguejos e etc.

2.2.1 D. Sebastião na encantaria do Tambor de Mina

Marcio Honorio de Godoy, em sua obra *Dom Sebastião no Brasil: das Oralidades à Mídia* (2007, p. 185) apresenta o depoimento cedido pelo babalaô Jorge Itacy acerca da passagem dos colonos portugueses pela Ilha dos Lençóis:

A paisagem singular da Ilha dos Lençóis, ligada ao município de Cururupu, no Maranhão despertou a memória dos portugueses relativa a Dom Sebastião e seu estado de Encoberto, esperando seu desencantamento para voltar e continuar o projeto de instaurar o V Império Universal cristão. Jorge Itacy conta que tendo os portugueses navegado pelo litoral maranhense, avistaram as dunas da Ilha dos Lençóis, e acharam semelhanças com as areias de Marrocos, onde se deu a batalha de Alcácer-Quibir, na qual Dom Sebastião teria tido seu corpo desaparecido e encantado.

Além do mais, Ferretti (2013) cita que no Maranhão, na Ilha dos Lençóis, acredita-se ser o local onde o rei Dom Sebastião esteja encantado, e que pessoas com dons mediúnicos contam terem avistado o rei encantado na figura de um touro.

De acordo ainda com Sérgio Ferretti (2013), muitas pessoas acreditam no aparecimento dele com maior frequência no mês de junho, quando ocorrem os festejos de bumba-meu-boi, e também na época em que aconteceu a batalha de Alcácer-Quibir em agosto, ou na festa de São Sebastião, em janeiro.

⁷ Família do Lençol. O nome é uma referência à Praia do Lençol, onde se acredita teria vindo parar o navio do Rei Dom Sebastião, desaparecido na Batalha de Alcacerquibir. É uma família de reis e fidalgos, denominados encantados gentis. (PRANDI, 2005, p.03)

Dialogando com o que foi desenvolvido por Ferretti (2013) acerca da introdução do sebastianismo no Brasil, Godoy, em sua obra *Dom Sebastião no Brasil: das Oralidades à Mídia* (2007, p. 223), aponta que:

A composição da lenda dá-se na confluência de dois materiais míticos diferentes, que consegue resolver as distâncias pela idéia comum de um reino encantado e utópico. Em Portugal acreditava-se que Dom Sebastião estava encoberto, recuperando-se material e espiritualmente nas Ilhas Afortunadas. A Ilha dos Lençóis, contendo um reino maravilhosamente submerso, poderia muito bem ser o local de repouso do rei Encoberto. Por sua vez, a crença na cidade encantada já existia na ilha dos Lençóis, permitindo a aglutinação do mito português. Dom Sebastião tornou-se, assim, o encantado dono daquele reino subterrâneo.

Reforçando o que foi apontado por Godoy (2007), Claudicélio Silva, em sua obra *As Ilhas da Encantaria: O Rei Sebastião na Poesia Oral Nutrindo Imaginários* (2010, p. 134), apresenta o relato de velho Chico, um dos patriarcas moradores das Ilhas dos Lençóis, no qual ele narra a história da fundação da ilha encantada:

É o rei quem funda a ilha para ser seu local de descanso, depois de reinar em Portugal. Com a ameaça da guerra armada pelos reis da Espanha e da França para tomar o trono de Sebastião, o monarca foge com parte do seu reino. Chegando à costa ocidental do Maranhão, o navio ancora, o rei embarca num escaler e rema até um coroa de areia. Chegando ali, finca sua espada e surge a ilha, toda dele e de seu reino. Então, rei e reino fazem sua morada encantada no fundo das areias moventes.

Segundo Moraes (1980, p. 20 apud FERRETTI, 2013, p. 271), “A lenda de D. Sebastião é, sem dúvida, a que mais entranhadamente penetrou na alma maranhense, inspirando cantadores de boi, compositores populares, poetas, romancistas e pintores”.

De acordo com o *Dossiê do registro do Complexo Cultural do Bumba-meu-boi do Maranhão* (2011, p. 91):

Entre o conjunto de mitos presentes no Bumba-meu-boi do Maranhão merece destaque a relação ou associação que alguns grupos fazem, sobretudo, os Bois de Terreiro e Encantado, da figura do boi com Dom Sebastião, soberano português que viveu no Século XIV.

Para exemplificar a presença de Dom Sebastião na encantaria da religião do Tambor de Mina, Euclides Ferreira ⁸ (1985) apresenta um dos pontos cantados que é frequentemente utilizado nos rituais⁹ de transe mediúnicos nos terreiros do Tambor de Mina:

“Rei, Rei, Rei Sebastião
Se desencantar o Lençol
Vai abaixo o Maranhão”
(FERREIRA, E., 1985, p. 47)

Em outras palavras, é perceptível a importância que os filhos de fé do Tambor de Mina atribuem ao rei encantado dentro da religião. Para os “mineiros” (nome utilizado para se referir aos adeptos da religião) Dom Sebastião se encantou para cumprir uma missão na terra, ajudar seus filhos-de-santo, sendo com palavras, com passes, com magia e até mesmo com sua presença. Em hipótese alguma almejam que ele se desencante, essa na verdade não é a intenção de seus sincréticos e nem mesmo do próprio ser encantado. Quando em transe mediúnico, ele baixa em seus filhos-de-santo e geralmente doutrina o ponto cantado exposto por Euclides Ferreira para enfatizar que, caso se tente desencantar o seu local de encantamento, colocarão em risco o Maranhão. Isso mostra a importância da representação do rei encantado Dom Sebastião nas vertentes históricas, literárias e religiosas nas letras brasileiras, assim como nas portuguesas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O foco deste estudo foi relacionar as representações da encantaria de D. Sebastião tanto no movimento sebastianista português como no Tambor de Mina no Brasil. Como se pôde perceber, as representações do sebastianismo se correlacionam dentro das vertentes históricas, literárias e religiosas nas letras portuguesas e brasileiras. No entanto, deve-se lembrar ainda o que Chartier (1991)

⁸ De acordo com Ferretti (1991) Euclides Ferreira é um Babalorixá (sacerdote das religiões afro-brasileiras, pai de santo ou pai de terreiro) e fundou a Casa Fanti-Ashanti em 1954. Apesar de não ser um dos terreiros de Mina mais antigos do Maranhão, é um dos mais conhecidos até hoje.

⁹ Como todo terreiro de religião afro-brasileira, a Casa Fanti-Ashanti realiza rituais públicos e privados onde ocorre a ‘descida’ (incorporação) de entidades. (FERRETTI, 1991, p. 2)

A incorporação de Dom Sebastião é feita em rituais privados e por esse motivo são poucos os pontos cantados de Dom Sebastião disponíveis ao público. Por essa razão, há apenas um ponto cantado do rei Sebastião neste trabalho.

caracteriza como representações, afastando assim quaisquer dúvidas a respeito do conceito de representação utilizado neste artigo.

Na representação dentro da encantaria do sebastianismo português, D. Sebastião é retratado como um ser que foi arrebatado de corpo e alma, que regressaria montado em seu cavalo branco e salvaria seu povo. Os sebastianistas portugueses acreditavam em sonhos proféticos, advindos de um movimento alimentado por fé e esperanças de um futuro melhor. Nota-se que em nenhum momento D. Sebastião é representado como um ser místico que pode transformar-se em um animal encantado, diferentemente da visão na encantaria no Tambor de Mina.

Além disso, é importante enfatizar a maneira como o rei Sebastião é esperado: para o movimento sebastianista português, o ponto principal da crença é o seu retorno à nação portuguesa, suas esperanças estão em um encantamento temporário, em uma fé de que ele não estaria morto, mas encoberto esperando o momento certo de seu retorno.

Entretanto, D. Sebastião, na religião afro-brasileira do Tambor de Mina, ganha uma nova visão mítica. O rei é representado como um ser encantado com poderes sobrenaturais, e que pessoas com dons mediúnicos podem avistá-lo em sonhos ou até mesmo incorporar o rei encantado. Dentro da cultura popular maranhense e no Tambor de Mina, não é esperado o retorno do rei em sua forma física; para as pessoas que acreditam no Tambor de Mina, D. Sebastião faz parte da família de gentis, que são incorporados em seus filhos de santo, nos terreiros do Tambor de Mina.

Apesar de retratar a história de uma mesma figura mítica, as representações de D. Sebastião são distintas, há heterogeneidade. Na visão portuguesa o rei D. Sebastião, logo após a batalha de Alcácer-Quibir, encantou-se e estaria escondido em uma ilha encantada e remota, aguardando o momento certo para retornar e reerguer Portugal da decadência.

Similarmente, na visão da religião afro-brasileira, Tambor de Mina, esse mesmo rei também surgiu em uma ilha encantada, nas Ilhas dos Lençóis, onde fundou seu reino e tem como missão auxiliar seus filhos de fé com seus poderes sobrenaturais e sua presença constante nos terreiros. Tem a capacidade de se transformar em animais, incorporar em transe mediúnico nos seus filhos-de-santo e

tem ligação com o touro negro encantado da cultura popular maranhense, como foi relatado neste estudo.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, J. Lúcio. **A evolução do sebastianismo**. 2ª edição, Lisboa, 1947.
- BESSELAAR, José Van Den. **Antônio Vieira: profecia e polêmica**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2002.
- _____. **O sebastianismo – história sumária**. Lisboa, 1987.
- CHARTIER, Roger. “**O mundo como representação**”. In Revista das revistas V.5 n. 11, 1991. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8601/10152>. Acesso em 20 de julho de 2016. 22h44.
- BRASIL, Complexo Cultural do Bumba-meu-boi do Maranhão. **Dossiê do registro como patrimônio cultural do Brasil**. São Luís: Iphan, 2011.
- FERREIRA, Euclides Menezes. **Orixás e voduns em cânticos associados**. São Luís: Ed. Alcântara, 1985.
- FERRETTI, Mundicarmo. **Desceu na guma: O caboclo do Tambor de Mina em um terreiro de São Luís**. 2. ed. rev. e atual. São Luís: EDUFMA, 2000.
- _____. “**Encantados e encantarias no folclore brasileiro**”. Apresentado no VI Seminário de Ações Integradas em Folclore. São Paulo, 2008. Disponível em: <http://www.gpmina.ufma.br/arquivos/Encantados%20e%20encantarias.pdf>. Acesso em: 19 de março de 2016. 23h55.
- _____. **Tambor de mina e umbanda: O culto aos caboclos no Maranhão**. In: Jornal do CEUCAB-RS: o triangulo sagrado. Ano III. N. 41, 1997. Disponível em: <http://www.gpmina.ufma.br/pastas/doc/Mina%20e%20Umbanda.pdf>. Acesso em: 19 de março de 2016. 22h55.
- _____. **Tambor de Mina, Cura e Baião na Casa Fanti-Ashanti/Ma**. SECMA.1991.
- _____. **Maranhão Encantado: encantaria maranhense e outras histórias**. São Luís: UEMA Editora, 2000.
- FERRETTI, Sérgio. “**Encantaria Maranhense de Dom Sebastião**”. In: *Revista Lusófona de Estudos Culturais | Lusophone Journal of Cultural Studies*. Vol. 1, n.1, pp. 262-285,2013. Disponível em: <http://estudosculturais.com/revistalusofona/index.php/rlec/article/viewFile/19/45>. Acesso em 28 de janeiro de 2016. 00h55.
- FERRETTI, Mundicarmo. **Desceu na Guma: o caboclo no tambor de mina**. São Luís: EDUFMA, 2000.
- GODOY, Marcio Honorio de. “**Dom Sebastião no Brasil: das oralidades à mídia**”. Tese apresentada à banca examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp027978.pdf>. Acesso em 14 de fevereiro de 2016. 02h36.
- LIMA, Luís Filipe Silvério. **Império dos sonhos: narrativas proféticas, sebastianismo e messianismo brigantino**. São Paulo: Almeida, 2010.
- MAGALHÃES, Joaquim Romero (Org.). **História de Portugal – Volume III. No Alvorecer da Modernidade (1480-1620)**. Coimbra: Estampa, 1997.
- MORAES, Jomar. **O touro encantado e outras lendas maranhenses**. São Luís: SIOGE,1980.
- PESSOA, Fernando. **Mensagem**. São Paulo: Hedra, 1934.
- _____. **Portugal, sebastianismo e quinto império**. Vol. VII Obra em prosa de Fernando Pessoa. Ed. António Quadros. Portugal, 1986.

PRANDI, Reginaldo. Nas pegadas dos Voduns: um terreiro de tambor-de-mina em São Paulo. In: MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de (org.). Somavó, o amanhã nunca termina. São Paulo: Empório de Produção, 2005, p. 63-94.